Helenismos no Léxico da Língua Portuguesa¹

Brian Galdino da Silva²

Resumo

Dentro do estudo da Lingüística Histórica, podemos nos debruçar sobre a investigação das entradas lexicais de determinada língua. No caso deste artigo a língua em questão é a Língua Portuguesa e suas entradas lexicais as advindas da Língua Helênica, seja através do Latim, que serviu de base para a Língua Portuguesa, seja através de empréstimos tardios com a evolução da mesma e o grande avanço científico-tecnológico experimentado pela humanidade ao final do século XIX e seguintes. Assim este artigo tentará, através de exemplos, ilustrar as entradas lexicais com base morfológica grega na Língua Portuguesa.

Palavras-chave: *Helenismos; Léxico; Diacrônico; Neologismos.*

I – Introdução

A proposta deste trabalho é, através de uma visão diacrônica, tentar um breve mapeamento de alguns morfemas lexicais oriundos do grego que chegaram à língua portuguesa a partir de empréstimos feitos pelo latim, quando em contato com a Hélade na expansão territorial Romana durante os séculos III e II a. C.; e empréstimos posteriores que foram lexicalizados a partir da evolução científico-tecnológica principalmente no período que comporta os séculos XIX e XX de nossa era.

A partir de pesquisas acerca da origem lexical da língua portuguesa podemos notar uma gama de outras línguas que, quando em contato com o latim em determinado momento histórico, vieram a contribuir através de empréstimos para o aumento do léxico latino. Desta maneira uma das línguas mais importantes nesse movimento de contato e que

¹ Este artigo faz parte da linha de pesquisa que o autor segue dentro do curso de Letras, sendo o primeiro dos trabalhos abrindo o assunto. Este trabalho foi realizado no segundo semestre de 2008 durante o curso de Morfologia.

² Brian Galdino da Silva é graduando, quartoanista (2010), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH – USP). O autor deste artigo cursa dupla habilitação, sendo elas: Grego Antigo e Língua Portuguesa.

mais influenciou o léxico da língua do império romano é sem dúvida o grego, e conseqüentemente esses empréstimos chegaram ao português, visto que o latim configura a base da língua portuguesa.

II – Panorama Histórico Geral

Numa breve visão histórica da constituição do léxico da língua portuguesa desde sua base, o latim, fica claro que os empréstimos de outras línguas operavam de alguma forma mediante relações políticas e/ou culturais a partir da expansão territorial do império romano entre os séculos III e II a. C., forçando um contato com outras culturas e línguas. Helmut Lüdtke, em sua obra, traduzida ao espanhol por Marcos Martinez Hernandez, com o título: *História del léxico románico*, expõe um panorama histórico consistente sobre a formação do léxico românico. Segundo a obra citada o latim emerge de dialeto à língua a partir do século VIII a.C., adotando o alfabeto grego, com algumas alterações gráficas, lhes servirem de base para escrita. Esta adoção é possível pela proximidade de algumas colônias gregas no sul a Itália com o povo romano. Penetrou não só o exemplo do alfabeto como também algumas palavras gregas nestes dialetos.

Com a expansão do império, há uma “culturalização” românica que segue também os moldes gregos, principalmente a partir de 146 a. C. quando os romanos invadiram a Hélade com o intuito de conquistá-la e torná-la mais uma de suas províncias. Esse contato forçado deu a Roma parâmetros para expressões culturais como, por exemplo, o teatro. Com o surgimento do teatro em Roma adotam-se fórmulas gregas na confecção de enredo e distinção de gênero como comédias (*komoidía*) e tragédias (*tragoidía*), a influência também se deita às formas da poesia lírica (*lirikós*), assim como aos poemas épicos (*epikós*). Dada essa influência cultural nada mais lógico que mais palavras gregas se fixassem ao léxico da língua romana. Como exemplo: podemos tomar a peça teatral a *Aulularia* de Plauto, adaptação de uma peça grega onde os nomes das personagens que ainda na versão latina possuem raízes gregas, como a serva que se chamava *Staphyla*, ou o nome do amante da protagonista *Lyconides*.

Com o cristianismo e a necessidade de sua propagação, de acordo com a visão dos crentes, foram elaborados livros que narravam os feitos de Jesus Cristo e seus discípulos em grego vulgar (*koiné*), língua esta que ocupava o segundo lugar em uso no Império Romano. Esses livros configuram a grande maioria dos livros do Novo Testamento, com

poucas exceções. Em 382 d. C. foram juntados e traduzidos para o latim para junto com os livros antigos que faziam parte do Velho Testamento formar a primeira Bíblia denominada Vulgata Latina, esta organizada e traduzida por São Jerônimo a pedido do Papa Damaso I.

Com as invasões bárbaras, entre os séculos III e VI d. C., o latim começa então a sofrer influência de outras línguas como a germana, eslava e árabe, com este contato há mais um momento de injeção de palavras no léxico.

Mais tarde com a reforma Carolíngia há um movimento contrário às aceitações de novas palavras no léxico latino, que nesse momento histórico via-se muito diferente do latim clássico, uma tentativa de ressurreição da língua latina culta e “correta” era o que os estudiosos carolíngios procuravam. Como nos conta Helmut, para esse movimento há uma consequência, pois a tentativa de resgata a língua clássica só era possível mediante a leitura do latim escrito, isso marcou e provocou a grande diferença do latim escrito e do latim falado, a língua popular. Contudo, havia empréstimos que já se encontravam tão internalizados à língua que, incontestavelmente, faziam parte do latim culto.

Em sua obra Helmut atesta em sua obra traduzida por Marco Marines Hernandez: “o maior número de empréstimos de vocábulos que o latim recebeu é, sem dúvida, oriundo do grego. Em todas as épocas de sua história, o grego transmitiu ao latim um grande número de palavras, tanto ao latim falado como ao latim codificado, mais tarde” (HERNADEZ, 1974)

A partir dessa afirmação deduzimos com um grau maior de certeza a importância do grego para a própria formação da língua portuguesa, também como respaldo histórico citado acima.

Assim, com esse breve panorama histórico, vamos a alguns exemplos que possam ilustrar as formas como alguns empréstimos chegaram a Língua Portuguesa apontando o caminho feito pelos sintagmas até chegar aos dias atuais.

III - Empréstimos por Influência Cultural

Há de se esclarecer: nem todas as palavras gregas entraram diretamente no latim, mas sofreram interferência de povo que mantiveram contato com a Hélade anteriormente muitas vezes devido à força de mercado grego, como os etruscos - povo residente no sul da Itália, que antes da fundação do império romano, e assim antes da emergência do latim como

língua - mantiveram contato com colônias gregas, o que influenciou também seu léxico. Um exemplo da contribuição grega para a mudança do léxico etrusco é a palavra que chegou ao latim como *persona*, a qual o autor diz ser oriunda do etrusco *phersu*, que havia tomado como empréstimo do grego a palavra *prósopon*, que significava *máscara*, e através de mudanças semânticas, devido à evolução da língua desde a popularização da palavra veio a denominar o indivíduo *pessoa*. O morfema *persona* chegou a nós sofrendo algumas alterações fonológicas que gerou o morfema *pessoa*, com o mesmo significado que o latim havia adotado a partir de obras de Cícero, onde denominava o indivíduo. Porém com o movimento Renascentista, e o ressurgimento do teatro, o morfema *persona* latino, foi “relexicalizado”, mas como um morfema radical para formação de palavras relacionadas à pessoa do teatro, o ator, como por exemplo: *personagem*. Mais tarde esse sintagma também se popularizou e obteve usos mais gerais para formação de palavras relacionadas ao indivíduo pessoa. Ambos os morfemas atuam hoje no português concomitantemente para formação de palavras. Este exemplo pode ser observado na obra de Helmut.

Vê-se que o exemplo acima dado incorporou-se ao léxico latino quando o povo romano procurando uma forma de expressão cultural apropriou-se do teatro para tal movimento, num segundo momento para determinação das personagens dos atos dramáticos. Conjuntamente vieram as denominações para os gêneros dramáticos, tragédia e comédia.

IIJ - Alomorfia

a) Exemplos de empréstimos de substantivos e adjetivos.

Os empréstimos gregos ao latim abrangem vários campos gramaticais.

Palavras relacionadas a assuntos marinhos foram tomadas como empréstimos largamente, graças ao aprimoramento desta técnica e contato contínuo dos gregos com o mar devido sua posição geográfica. A palavra *nau*, que no grego denominava um determinado tipo de embarcação, ainda hoje mantém o seu sentido e se encontra dicionarizado como tal. Esta palavra ao se fixar ao léxico latino deu origem a outras num movimento de ampliação do léxico com a formação de novas palavras, como *naulericus* que diz respeito a coisas pertencentes ao piloto da nau, ou *naulerus* que nomeia o próprio piloto, ou ainda *naufragium* que substantiva *naufragare*, verbo naufragar. Palavras com

esse radical (*nau*) chegaram à língua portuguesa sofrendo adequações impostas pela evolução da língua, em língua portuguesa temos a palavra *naufrago*, que igualmente ao latim diz respeito à primeira pessoa do verbo *naufragare*, em latim, *naufragar*, em português, como por exemplo: “*Eu naufrago*”.

Seguindo uma via diacrônica, e ainda usando como exemplo o morfema *nau*, notamos algumas mudanças, principalmente devido evoluções fonéticas da língua, que originaram um radical diferente devido adoção da letra /v/ no alfabeto latino. Uma explicação possível para a adoção desta nova consoante é a posição em certas palavras. Em palavras como *naufragare* vemos uma situação em que após o radical original segue uma consoante, lê-se *nau+fragare*, mas se olharmos para uma palavra onde o radical precede um complemento cujo constituinte sufixal é iniciado por uma sequência vocálica, como por exemplo: *naualis*, que originou em português: *naval*, há com o passar do tempo uma mudança vocálica no que se refere ao ponto de articulação na sequência das vogais. Conjuntamente a essa alteração fonética advém a criação de uma nova forma representativa para esse novo fonema. Notamos aqui, então, uma formação *alomórfica* do radical *nau*, a forma supletiva *nav-* que chegou ao português em palavras como *naval*, *navegante* *navegador*, etc.

Formas *alomórficas* ou *supletivas*, como a demonstrada no parágrafo anterior, atuam na língua portuguesa em larga escala devido a alterações diacrônicas. Em um trabalho feito por Rui Abel Pereira esse tema é extensamente discutido. O autor do trabalho cita exemplos com bases de origem grega terminados em *-ma* como *clima*, *aroma*, *dogma*, *esquema*, que possui bases *alomórficas*. Seus radicais para formação de palavras recebem um *-t* em seu final para receber sufixos cuja sequência se inicie com vogal, como *climatizar*, *dogmatização*, e assim por diante. Rui então explica essa mudança no radical:

... no grego, a terminação de genitivo **-os* (com variantes **-es*), próprio dos nomes terminados em *-ma* (cf. *ónoma* 'nome'), sofre algumas alterações. Primeiro, foi alterada pelo acréscimo de um *-t*, criando um novo alomórfe de genitivo do singular *-os* (*onóma-tos*). O *-t* tornou-se, assim uma extensão virtual da base lexical, tendo-se expandido pelo paradigma, dando origem formas como *onómati* de dativo de singular. Mais tarde estes itens foram reanalisados ou <<relexicalizados>> (termo usado por Joseph) com uma forma de base diferente, *onomat-*, voltando-se a reconstituir a terminação de genitivo novamente como *-os* para esta classe de nomes (cf. *onoma-tos*). Como consequência desta evolução, em grego, as unidades lexicais terminadas em *-ma* passaram a ter dois *alomórfe*s (*onoma* e *onomat-*) (PEREIRA, 2005).

O que difere essa seqüência do exemplo dado no parágrafo anterior é que no primeiro exemplo ambos os radicais *nau-* e *nav-*, coexistem na língua portuguesa corrente de forma produtiva, enquanto que neste segundo exemplo as formas mais produtivas são dos radicais com término *-t*.

Ainda tratando do assunto sobre alomorfia, Helmut, em sua obra, nos expõe o caso de *machina* e *mechanicus* (máquina e mecânico). Essas palavras chegaram ao latim em momentos diferentes, mas ambas pertencem ao mesmo radical. A diferença se dá por uma razão geográfico-dialetal, visto que na Magna Grécia existiam dialetos igualmente produtivos, com diferenças fonéticas, e se termos em mente que as línguas são de formação oral em suas origens, portanto a forma como eram articuladas regravava sua forma gráfica, temos que em dado momento histórico havia em Atenas uma realização *mechané*, que se fixou primeiro no léxico latino devido a relações mercantis. Ao passo que em colônias gregas de povos Dórios, residentes no sul da Itália, a realização dava-se como *machana*, essa realização incorporou-se tardiamente ao léxico latino, todavia não anulando a primeira forma e ambas as raízes passaram a operar de forma paralela, respeitando sua significação primitiva. Ambas as raízes chegaram ao português de forma igualmente produtivas, mas com uma diferença palpável, há palavras formadas a partir do substantivo *máquina*, como *maquinário*, *maquinista*, *maquinar*, *maquinal*, etc., e há palavras formadas a partir do adjetivo *mecânico*, como *mecanizar*, *mecânica*, *mecanismo*, etc.

b) Exemplo de empréstimos de advérbio

Os exemplos dados no item anterior mostram substantivos e adjetivos que, a partir de seus radicais, com a adição de sufixos formam outras palavras de outras classes. Há, contudo, outras classes de palavras que serviram de empréstimo para o latim que se encontram ainda hoje no léxico da língua portuguesa, mas que sofreram algum tipo de mudança semântica em seu uso diacrônico. Para exemplificar a afirmação anterior podemos usar o pronome *állo* que no nominativo singular grego significava: “*outro, o resto de...*”, que ao se fixar ao léxico latino cristalizou-se sob a forma *alia*, tomando a classe gramatical dos advérbios, assim como todas as outras palavras que adotaram esse radical: *ali-* (*alia*: *por outra estrada ou lugar*; *alias*: *outra vez, em outro tempo, ou lugar, de outra sorte*; *alio*: *para outro lugar, para outra coisa, para outro fim*). Note-se que em todos os significados o pronome que representava o morfema originalmente, com a idéia

de algo que se relaciona ao outro, está presente, de maneira que a classe pode até mudar, mas o radical possui incrustado em si seu significado príncipe. A única forma que chegou ao português destes advérbios latinos foi: *aliás*, que faz parte da mesma classe gramatical das formas latinas, mas que possui em si uma significação muito mais abrangente do que a forma que lhe originou. A forma que chegou a nós quase que abrange todos os demais significados, segundo o dicionário Aurélio: “*aliás*: 1. de outra maneira, de outro modo; do contrário; 2. além disso; além do mais; 3. no entanto; não obstante; apesar disso; contudo; 4. diga-se a propósito; seja dito de passagem; 5. ou por outra; ou seja; digo.”. Pode-se dizer que a forma atual é um amálgama das demais formas que se perderam no decorrer do tempo. No século XIX, com o desenvolvimento de novas ciências esse morfema foi “relexicalizado”, com o significado extraído do grego, para formação de palavras de cunho, na maioria das vezes, medicinal ou botânico. Como por exemplo: *alelo*, termo ligado a genética (*alelo*. S. m. Genét. Uma das formas alternativas de um gene, que ocupa determinado locus no cromossomo.), que comporta ainda a idéia de ser outra coisa, uma “alternativa” à algo, neste caso um gene.

c) Exemplos de quantificadores e intensificadores

Formas quantitativas passaram do grego ao latim de forma vasta, como *méga* (*grande*) e *poly* (*muito*), mas em geral ocupava na língua uma posição prefixal na formação de palavras, como em *magistanes*, que designava um grande reino ou república, ou *megalographia*, que dizia respeito à pintura que representava coisas grandes; para exemplificar o caso de *polly* temos em latim *polygonius*, que tem muitos ângulos, cantos ou quinas; *polyrrisius*, que possui muitas raízes. Esses morfemas passaram ao português em dois momentos distintos, numa passagem diacrônica grego>latim>português, e num segundo momento com a evolução da ciência, da arte, enfim quando língua em seu processo evolutivo se encontrou com a necessidade de nomear novos itens ou artefatos. Dessa forma esses morfemas sofreram uma “relexicalização” para compor novas palavras até então inexistentes na língua, combinando-as com novos morfemas extraídos também do grego. No português temos hoje palavras relativamente novas que passaram por esse processo, como *megálópode*, uma grande metrópole, *megalossauro*, que foi adotado a partir de descobertas científicas pouco recentes a cerca de espécies pré-históricas; para novas palavras a partir de *polly* temos *polímata*, que nada mais é que a junção de poli

(muito) e mata (que vem do grego *matetés*: estudar) e seu significado atual mantém suas significações amalgamadas: aquele que estudou ou sabe várias ciências; mais um exemplo: *poliandra*, *poli* (muitos), *andra* (que no grego significa: esposo, homem), logo *poliandra* dicionariza-se como uma mulher que tem vários maridos.

U – Influência da Cristandade

Com o início da era cristã, com a propagação do cristianismo, como já comentado sucintamente acima, os empréstimos possuem em suma um caráter religioso, como não poderia deixar de ser. Temos, portanto, palavras gregas como *basilikós*, um adjetivo que denomina o ser real, o próprio rei, passa ao latim sob a forma substantiva *basilica* que, em latim denominava a casa real, que por consequência às crenças passou a denominar a “*casa de Deus*”, “tido que o rei maior é Deus”, esse sentido chegou ao português, um tipo determinado de templo religioso. Temos também o caso *ekklésia* que em grego denominava assembléias em geral, que passou ao latim com a forma *ecclesia* com um sentido mais restrito, denominava as assembléias de crentes, fiéis do cristianismo, e por consequência: relativo à igreja, foi, portanto, o sentido que chegou a nós, esse radical chegou ao português em palavras como eclesiástico, eclesial. Em seus rituais houve empréstimos como *baptízein*, do grego mergulhar, que passou ao latim como um ato ritual *baptizare*, que chegou a nossa língua vernácula com as premissas cristãs.

Há também palavras que denominariam nomes hierárquicos dentro da igreja, como *pápas* nomeava, no grego, todo e qualquer bispo, mas que mais tarde no latim veio a ter uma restrição ao “santo papa”; *presbyteros* (do grego: *o mais velho*) passou ao latim como *presbyter*, e passa a ter o significado de *dignatário eclesiástico de baixa hierarquia*; *episcopus* (*episcopado*); *diaconus* (*diácono*); *párocos* (*pároco*); *monacus* (*monge*); *eremita* (*ermitão*), do grego *éremos*; *ábbas* (abade). Todas essas palavras foram tomadas por empréstimos do grego para denominar as classes hierárquicas dentro do plano religioso cristão. Essas palavras com o decorrer do tempo não sofreram grandes mudanças e se encontram ainda hoje em línguas românicas, como o português, com praticamente o mesmo significado que tinham quando adotadas pelo latim, e mudanças gráficas, fonéticas e fonológicas bastante sutis.

III – Empréstimos a Partir de Avanços Científicos

O movimento de empréstimos de bases morfológicas gregas para nomeação de novos artefatos é bastante recente e muito produtivo a partir do século XIX com o salto científico-tecnológico dado pela humanidade neste e no século seguinte.

Em geral há um movimento de empréstimo que em português compõe um papel de afixação (prefixação e sufixação). Na maioria dos casos para a formação de outras palavras esses afixos interagem com outros afixos também gregos, como por exemplo: *oftalmologia*, um amálgama de dois morfemas de origem grega para nomear a área da medicina que se propõe a tratar de assuntos referentes à visão. Se desmembrarmos esta palavra obteremos dois radicais: *oftalmo-* (*ophthalmós*: olho, vista) + *-logia* (*logos*: discurso, tratado, ciência), que possuem um sentido intrínseco mas que não faz parte do léxico em separado, havendo a necessidade de estar associado a um outro radical para fazer valer o seu sentido. Essa mesma situação se encontra em várias outras palavras adotadas pelo português a partir da segunda metade do século XIX, como *odontologia*, *biologia*, *filologia*, no âmbito científico, e no que concerne o âmbito tecnológico temos: *telefone*, *telégrafo*, *microfone*, etc.

Quando dito acima que há a ocorrência de interação entre morfemas gregos, para a formação de palavras, são na maioria das vezes com outros morfemas também gregos, usa-se “maioria”, pois não é total essa ocorrência. Há um movimento de formação de palavras em língua portuguesa que Evanildo Bechara denomina hibridismo, que é a “*formação de palavras com elementos de idiomas diferentes*”. Bechara ainda ressalta: “*São comuns os hibridismos constituídos da combinação de elemento grego com outro latino ou românico*”. O autor exemplifica: “*sociologia* (latim e grego), *auto-sugestão* (grego e português), *televisão* (grego e português), *burocracia* (francês e grego), *automóvel* (grego e português), *decímetro* (latim e grego)”. Com a evolução de uma língua viva como o português, a formação de neologismos é inevitável e, com o auxílio de prefixos e sufixos gregos lexicalizados, a formação de novas palavras é mais do que produtiva adicionados a outros termos de outras línguas que se tornaram termos nativos como: *teleguiado*, *retrato-*mania**, *lusófilo* e assim por diante.

III – Conclusão

Através do tempo, mesmo com esse pequeno panorama lingüístico, fica clara a influência da língua grega para a formação do léxico da língua portuguesa. Seja através de empréstimos diretos, ou não. Vindos do latim ou de outras línguas com as quais o latim manteve contato, que por sua vez mantiveram contato com povos gregos, e que chegaram a nós através do tempo sofrendo alterações. Ou ainda tomada posteriormente por empréstimos diretamente do grego como nos casos de neologismos científico-tecnológicos.

Temos então assim um quadro do campo de influência dos morfemas gregos. Isso deixa clara a importância desta língua para a formação de nossa língua vernácula. Abrindo assim um assunto que poderá se desdobrar se tomarmos os casos ilustrados especificamente. Assim para estudos posteriores tomar-se-ão cada caso em separado, investigando dessa maneira caso a caso.

Referências Bibliográficas

Bechara, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Hernandez, Marcos Martinez. *Historia Del Léxico Románico*. Madri: Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, 1974.

Pereira, Rui Abel. *Unidades Greco-Latinas na Língua Portuguesa*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Católica Portuguesa, 2005.

Souza, Francisco Antonio de. *Novo Dicionario – Latino-Portuguez*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, s/d.

Syndicate of the University of Cambridge. *Reading Greek*. Cambridge: Typeset in Bembo, 1999.